

A person with long blonde hair is sitting and reading a book. They are wearing a grey and white striped sweater. The image is overlaid with a warm orange gradient. The text 'INSTITUTO AURORA' is in the top right corner, and 'EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS' is below it. The main title 'Dez roteiros para dialogar sobre Direitos Humanos a partir da literatura' is on the left side. At the bottom, there are two columns of text describing the guide's content.

INSTITUTO
AURORA

EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS

Dez roteiros para dialogar sobre **Direitos** **Humanos a partir** **da literatura**

Você também encontra neste guia informações sobre:

- a literatura como **direito humano**;
- o desenvolvimento da **empatia** a partir da literatura;
- a importância de uma **curadoria plural de livros**;
- e um passo a passo de como montar um **clube do livro** sobre Direitos Humanos.

Sumário

- 03 | Sobre este guia
- 04 | Sobre o Instituto Aurora
- 05 | Por que usar a literatura para falar sobre Direitos Humanos?
- 08 | Os livros, os participantes, os sentimentos e as discussões
- 11 | Organização do Clube do Livro
- 16 | Roteiros
- 17. *Um Espinho de Marfim e Outras Histórias*, de Marina Colasanti
- 18. *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus
- 19. *O melhor que podíamos fazer*, de Thi Bui
- 20. *No Seu Pescoço*, de Chimamanda Ngozie Adichie
- 21. *Quem tem medo do feminismo negro?*, de Djamila Ribeiro
- 22. *O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe
- 23. *As boas mulheres da China*, de Xinran
- 24. *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai e Christina Lamb
- 25. *Na minha pele*, de Lázaro Ramos
- 26. *Outros jeitos de usar a boca*, de Rupi Kaur
- 27 | Mensagem final

Sobre este guia



Você acredita que as histórias têm o poder de despertar a empatia? Quer compartilhar suas impressões de leitura de forma coletiva? Gostaria de conhecer novas perspectivas e discutir temas ligados a Direitos Humanos? Você tem vontade de fazer um clube do livro, mas não sabe por onde começar?

Então, este guia é para você.

O “**Dez roteiros para dialogar sobre Direitos Humanos a partir da literatura**” é uma iniciativa do Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos, com o objetivo de compartilhar as experiências que tivemos no nosso primeiro ano de clube do livro. Neste guia, você irá encontrar dez roteiros para rodas de conversa referentes a dez livros com temáticas sobre Direitos Humanos e, também, dicas de organização de um clube do livro. Esses livros compuseram a edição 2019 do Aurora Clube do Livro.

Dez roteiros para dialogar sobre **direitos humanos** a partir da **literatura**.

Sobre o Instituto Aurora

Com atuação desde 2017, o **Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos** tem como missão educar em direitos

humanos, ampliando a compreensão do tema e promovendo diálogos para o reconhecimento das diferenças e a construção da paz. Fazemos isso por meio de ações educativas de forma dialógica, plural e despolarizada.

Por acreditarmos que a educação em direitos humanos precisa passar pela sociedade como um todo, nosso trabalho se destina a diversos públicos: meninas, juventudes, mulheres, servidores públicos e cidadãs e cidadãos de modo geral.

Almejamos integrar um país socialmente justo, livre de desigualdades e preconceitos. Por isso, estamos comprometidas com a Agenda 2030 da ONU, na construção de uma sociedade que seja digna para todas as pessoas.



Dez roteiros para
dialogar sobre **direitos**
humanos a partir da
literatura.

Por que usar a literatura para falar sobre Direitos Humanos?

¹NIETO, Marya. Ler ficção nos torna mais empáticos. **El País**, 2016. Disponível no [link](#).

²HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

As histórias têm o poder de estimular adultos e crianças a se entenderem e entenderem o outro, colocando-se em seu lugar.

Alguns pesquisadores têm estudado a relação entre ficção e empatia, mostrando que à medida que a ficção simula uma espécie de mundo social, ela provoca uma maior compreensão dos dilemas e sentimentos de outras pessoas, desenvolvendo empatia. Dentre esses pesquisadores está o psicólogo canadense Keith Oatley¹. Ele nos traz a ideia de que quando somos apresentados a uma situação com a qual não temos necessariamente contato, estamos sendo estimulados a uma nova visão de uma realidade diferente da nossa, o que possibilita com que possamos enxergar questões sociais de uma forma mais próxima e até mesmo pessoal.

Dez roteiros para dialogar sobre direitos humanos a partir da literatura.

Complementar a essa ideia, a historiadora Lynn Hunt², nascida no Panamá e criada nos Estados Unidos, dedica

³ CANDIDO, Antonio.
O direito à literatura. In:
Vários Escritos. São Paulo:
Ouro Sobre Azul, 2004.



alguns capítulos do seu livro “A invenção dos direitos humanos” para narrar como, no século XVIII, os leitores de romances aprenderam a estender o seu alcance de empatia. Ela afirma que a empatia era comumente reservada aos seus pares – pessoas que pertencessem ao seu convívio e a sua classe social. Por meio da leitura de romances como “Pamela” e “Clarissa”, de Samuel Richardson, e “Júlia”, de Jean-Jacques Rousseau, despertou-se um sentimento de empatia que ultrapassou as fronteiras sociais. As perspectivas de Hunt nos faz vislumbrar que com o envolvimento nas histórias, os leitores se tornam mais conscientes da capacidade que existe em si próprios, e também da capacidade que existe nas outras pessoas.

A leitura de romances não foi a única forma de se adquirir capacidade de identificação por meio de linhas sociais, mas foi bastante importante neste processo. A finalização da leitura de uma obra pode nos despertar para a percepção da individualidade que os outros possuem e, ao mesmo tempo, fazer com que nos sintamos solitários e sejamos levados para a nossa própria individualidade.

Em seu ensaio “O direito à literatura”³, o intelectual brasileiro Antonio Candido defende que a literatura humaniza, permitindo com que desenvolvamos a nossa individualidade inseridos em um contexto que representa o coletivo. E, por isso, para ele, a literatura também é um direito humano.

Dez roteiros para
dialogar sobre **direitos**
humanos a partir da
literatura.

Candido nos faz uma pergunta central: o que é indispensável para nós? Ele sugere que o indispensável não é apenas aquilo que assegura a sobrevivência física em níveis decentes, como o alimento para

⁴ LIMA, Catharina P. C. S et al. **O direito ao (in)compressível: arte, cidade, paisagem e transformação social.** RUA, v. 23, n. 2, p. 291-309, 5 dez. 2017..
[Link.](#)

⁵ PEREIRA, Fabiane Aparecida. **O direito à literatura: “sonho acordado” das civilizações.** Revista Primeira Escrita, Aquidauana, n. 3, p. 175-189, dez. 2016.

Dez roteiros para dialogar sobre direitos humanos a partir da literatura.

a necessidade da fome, mas também aqueles bens que garantem o atendimento de outras necessidades da integralidade humana. Por exemplo, as necessidades psicossociais são atendidas na construção de relacionamentos interpessoais; e as necessidades de autorrealização podem ser supridas pelo exercício da capacidade de imaginar, desenvolver o autoconhecimento e a empatia.

No artigo brasileiro “O direito ao (in)compressível: arte, cidade, paisagem e transformação social”⁴, vemos o pensamento de Antonio Candido sendo ampliado. As autoras do artigo nos lembram do contexto em que o ensaio foi escrito, que era o do início da redemocratização do Brasil, no ano de 1988. Elas afirmam que, para Candido, a literatura simboliza a reivindicação de outros direitos, como o da educação de qualidade, possibilitando com que as pessoas saibam ler, e trabalho com cargas horárias justas, oportunizando um tempo livre e de descanso para mente, em que a literatura e outras artes poderiam ser apreciadas.

Na literatura, além do conhecimento que vem da visão de mundo do autor, há também níveis de conhecimento intencional, que são planejados por quem escreve e conscientemente assimilados por quem lê. A pesquisadora em estudos linguísticos Fabiane Pereira⁵ afirma que a literatura fomenta a imaginação, a criticidade e a humanização, tornando as pessoas mais participativas na sociedade e com potencialidade para compreender o outro. Para ela, isso, sim, é um verdadeiro direito.



Os livros, os participantes, os sentimentos e as discussões

Nas atividades anuais que o Instituto Aurora promove e que envolvem literatura, a escolha das leituras do ano é feita de forma minuciosa, para que a discussão sobre temas relacionados a Direitos Humanos seja pertinente, e para que os participantes entrem em contato com realidades diversas, com autores e autoras com diferentes lugares de fala, com temas variados, valorizando-se a produção nacional.

Dez roteiros para
dialogar sobre **direitos**
humanos a partir da
literatura.

DEPOIMENTOS DE PARTICIPANTES DO CLUBE

“ A experiência com o clube de leitura é repleta de afetos. Primeiro, porque é muito legal pertencer a algum lugar. Depois, porque, a partir da mediação, o clube desperta em nós memórias de nossa infância, recordações, questionamentos variados. Em seguida, o clube permite que diferentes culturas, relatos, vivências cheguem até nós a partir das leituras escolhidas. Assim, temos acesso a conteúdos que, se não fosse pelos livros, talvez jamais nos aproximássemos tanto. E, por fim, ele transforma uma experiência, geralmente solitária, em uma atividade coletiva. É a coletividade tem uma coisa especial que é a partilha. O tempo de conversar, ouvir o outro, entender de que forma aquela leitura chegou em outra pessoa, ou porque aquele trecho causou tanto sentimento. Isso nenhuma resenha, nenhuma tecnologia faz. A coletividade e a presença trazem emoção, empatia, diferentes visões de mundo, troca, encontros e pessoas. E as pessoas ainda são as narrativas mais incríveis que podemos conhecer” - **Ivana Lemos**, professora e artista visual.

“ A graduação nos cerca de leituras técnicas e obrigatórias que no dia a dia acabam por nos distanciar do prazer da literatura e das reflexões por ela trazidas. O clube do livro me foi apresentado por uma grande amiga e desde então tem me trazido a alegria de ler histórias desafiadoras. Por vezes doces, por vezes desconfortáveis, mas que instigam profunda reflexão. Tem sido para mim uma experiência enriquecedora e de construção. Um momento de trocas onde conheci autoras, histórias e pessoas incríveis e inspiradoras” - **Julia Voguel**, estudante de Direito.

Dez roteiros para dialogar sobre direitos humanos a partir da literatura.

“ O clube do livro veio ao encontro ao momento em que estou, de muita ânsia por conhecer novas culturas, novos autores, novos olhares perante o mundo e a humanidade... Mas algo que tem me tocado muito, que transcende ao momento da leitura, são nossos encontros. Poder ouvir outras pessoas que trazem uma nova percepção do livro carregada de histórias e experiências pessoais é extremamente enriquecedor. Gosto de saber como as pessoas têm lidado com suas dores, como têm conseguido transformá-las em “flores”, e o livro, em sua última instância, torna-se uma ponte, um motivo para ligar essas histórias, pra gente se encontrar e, encontrar com a humanidade de cada um. No fim das contas, ler o livro acaba sendo apenas um detalhe diante de todas as possibilidades que nascem quando pessoas decidem se reunir para falar, colocar em questão, debater um tema que, no fundo, fala sobre como sermos melhores e como o mundo ser um lugar digno de se viver para todos.” - **Laiza Marinho**, psicóloga e fotógrafa.

Organização do Clube do Livro

Antes do encontro

DEFINIR O FORMATO E A PERIODICIDADE

Antes da pandemia de Covid-19, o Aurora Clube do Livro era realizado em formato presencial e itinerante, em espaços diferentes da cidade (como cafés, livrarias, espaços culturais, bibliotecas, parques). No entanto, em 2020, realizamos as nossas rodas de conversa literárias em formato online, por meio de uma plataforma de videoconferência.

Nossos encontros tinham 1h30 de duração, em ambos os formatos. Vale dizer que sempre escolhemos um livro para ser lido por mês, iniciando nossas atividades em março e finalizando em dezembro. Essa é uma dica que damos, pois assim, os primeiros meses do ano podem servir para a organização das atividades.

A escolha da periodicidade pode interferir na curadoria dos livros.

FAZER A CURADORIA DOS LIVROS

A curadoria de livros é pensada de forma que eles possam estimular a discussão de assuntos que são importantes para o Instituto Aurora, como desigualdades e preconceitos, aliados a diferentes temas retratados nos enredos das obras.

Sempre que possível, também é feita uma conexão entre o tema do livro e temas mais evidentes naquele mês do ano. Por exemplo, em 19 de junho é celebrado o Dia do Migrante e, neste mês em 2019, lemos

Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.

“No Seu Pescoço”, de Chimamanda Ngozie Adichie, livro que traz a temática da migração em vários de seus contos.

A escolha dos livros também é feita considerando a pluralidade e valorizando histórias de países da América Latina, do continente africano e asiático e do Oriente Médio.

Os livros selecionados têm, em média, 200 a 300 páginas, de forma que a leitura possa ser mais facilmente incorporada na rotina do participante, estimulando a participar dos encontros.

Se tivermos 20 dias de divulgação e um livro de cerca de 200 páginas, a leitura não se torna pesada na rotina do participante. Ele poderá ler cerca de 10 páginas por dia.

DIVULGAR

Antes dos encontros, são divulgadas as leituras de cada mês, com cerca de 20 dias de antecedência, para que os participantes tenham tempo de ler os livros previamente. A nossa divulgação é feita de forma online (newsletter e redes sociais).

Pela nossa experiência, esses canais atraem mais público do que cartazes físicos em espaços como universidades e cafés.

Quem não leu o livro inteiro, ou mesmo não conseguiu ler nada, também é encorajado a participar dos encontros, pois o objetivo é que a discussão extrapole o enredo do livro, e todos possam contribuir.

PREPARAR O ESPAÇO

Seja em um espaço físico ou virtual, é importante checar algumas horas antes do evento se está tudo certo. Se for um espaço físico, veja se é possível que os participantes se sentem em círculo - isso é importante para a nossa metodologia, de modo que todas as pessoas possam se ver. Se for em espaço virtual, cheque se a plataforma que

Dez roteiros para dialogar sobre direitos humanos a partir da literatura.

No dia do encontro

irá utilizar está funcionando corretamente, familiarize-se com esse espaço, faça um teste com o som e com o vídeo.

É acolhedor que o anfitrião deixe o espaço já preparado. No espaço físico, vale já dispor as cadeiras em círculo. No espaço virtual, vale esperá-los com uma música e uma tela de boas-vindas.

Durante o encontro

FACILITAR UMA RODA DE CONVERSA:

- A pessoa facilitadora da conversa recebe os participantes.
- Enquanto aguarda as pessoas, você pode deixar uma música ligada ou uma tela de boas-vindas.
- Conforme as pessoas forem chegando, peça para elas incluírem um número (que será dito por você, de acordo com a ordem de entrada) na frente de seus nomes. Ou, vá inserindo no chat o nome dos participantes ao lado de cada número em uma lista. Isso facilitará para que cada uma saiba a hora de falar posteriormente. Na metodologia presencial, há um objeto de fala que passa de pessoa a pessoa indicando a vez de cada uma compartilhar. Na adaptação para o online, a forma numérica ajuda a sinalizar uma ordem de fala, uma vez que cada uma saberá a sua vez, sem que a facilitadora precise ficar chamando.
- Com todos os participantes prontos, dê início à conversa.
- Antes das rodadas de perguntas em si, sugerimos iniciar os encontros com uma atividade de abertura (uma espécie de quebra-gelo), seguida de uma rodada de apresentação dos presentes, na qual todos dizem seus nomes e como estão se sentindo, inclusive você.

Dez roteiros para dialogar sobre direitos humanos a partir da literatura.

- Na sequência, proponha combinados, como respeitar a vez de cada um na hora da fala, exercitar o não-julgamento. Esses combinados podem ser feitos de modo colaborativo.
- Então, inicie as rodadas de perguntas. A ideia é que cada pergunta seja feita em uma rodada, dando espaço para que as pessoas pensem e se expressem. É aqui que os números serão utilizados. Proponha que cada um responda na sua vez.
- No final, agradeça a participação de todas as pessoas e faça um encerramento perguntando como todos estão saindo do encontro. Você também pode fazer um registro - foto ou print de tela - para futura divulgação do tempo relevante que passaram juntos

O que faz uma pessoa mediadora? A função de quem faz a mediação é de auxiliar no diálogo, lançando comentários e perguntas que direcionem a conversa, sem monopolizar a fala. É importante que a pessoa mediadora tenha lido o livro todo e esteja com o seu roteiro de facilitação da conversa em mãos, para se sentir mais segura.

SUGESTÕES DE PERGUNTA “QUEBRA-GELO” (INDEPENDENTE DO LIVRO):

- 01.** Você quer recomendar algum livro que leu recentemente e que tenha gostado?
- 02.** Você gostaria de recomendar um/a autor/a cuja obra tenha a ver com o tema que vamos discutir hoje?
- 03.** Você se lembra de algum livro que tenha uma importância na sua vida e gostaria de recomendar?
- 04.** O que mais chamou a sua atenção no livro deste mês?
- 05.** O que você mais gostou na leitura deste mês?

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

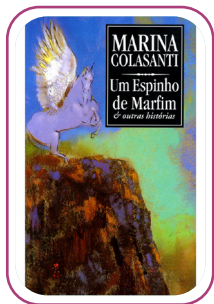
- 06. Qual personagem ou momento da história mais representa você hoje?
- 07. O que você esperava desse livro quando leu o título?
- 08. Se a sua vida fosse um gênero literário, qual seria?
- 09. Você poderia compartilhar alguma palavra ou conceito novo aprendido nesse último mês?
- 10. Para quem você gostaria de indicar esse livro ou livros sobre esse tema?

Neste guia, apresentamos temas e perguntas que sugerimos para serem abordados durante os encontros. Porém, sabemos que a conversa é dinâmica e podem surgir outras questões trazidas pelos participantes, a partir de suas leituras. Todas essas contribuições são bem-vindas para a construção coletiva.



Roteiros

Dez roteiros para
dialogar sobre **direitos**
humanos a partir da
literatura.



Autora: Marina Colasanti

Número de páginas: 176

Editora: L&PM

**Sugestão de
pergunta de
abertura:**

**Possíveis perguntas
e comentários para
diálogo:**

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

Livro 01

Um Espinho de Marfim e Outras Histórias

Sobre o livro

Por meio de contos – muitas vezes com toques fantásticos ou de fábulas – a obra discute temas como preconceito, abuso, autonomia e estereótipos. Trazendo a mulher como tema central, Marina Colasanti retrata alguns arquétipos dos papéis sociais que ela mesma assume: a princesa, a rainha, a mãe, a esposa, a amante.

☐ Qual dos contos do livro você mais gostou e por quê?

☐ **01.** Uma das temáticas presentes em diversos contos da obra são os relacionamentos abusivos. A autora utiliza uma linguagem de fábulas e de metáforas para retratar as situações, como no caso do conto “De água nem tão doce” ou “A moça tecelã”. Que relação podemos fazer sobre as situações vividas por elas com situações da nossa realidade?

☐ **02.** No conto “Menina de vermelho a caminho da Lua”, a narrativa deixa subentendida uma situação de abuso infantil, na qual a narradora não toma nenhuma atitude. Muitas vezes, ao nos depararmos com esse tipo de situação, fingimos não ver e não nos sentimos, enquanto sociedade, responsáveis por isso. Alguém já passou por uma situação parecida? O que deveríamos fazer nesses casos?

☐ **03.** Vemos em vários contos a questão da autonomia feminina, nos quais as protagonistas vão contra aquilo que é esperado delas. Às vezes, com finais trágicos, como em “Um espinho de marfim”, às vezes com finais felizes, como em “Entre a espada e a rosa”. O que esses contos podem nos ajudar a pensar sobre a autonomia das mulheres nos dias de hoje?

☐ **04.** O conto “Sem asas, porém” fala de uma aldeia na qual as mulheres não podiam comer aves, pois as asas poderiam lhes subir à cabeça. Que relações podemos fazer disso com a divisão de atividades “de mulheres” e “de homens”? Que proibições as mulheres já passaram, e ainda hoje passam na nossa sociedade?



Autora: Carolina
Maria de Jesus

Número de páginas: 200

Editora: Ática

**Sugestão de pergunta
de abertura:**

**Possíveis perguntas
e comentários para
diálogo:**

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

Livro 02

Quarto de Despejo

Sobre o livro

O livro, em narrativa de diário, foi escrito na década de 1950, quando Carolina morava na antiga favela do Canindé, em São Paulo. A autora descreve aquilo que fazia parte de seu cotidiano: a miséria, o descaso social, a fome. Aliás, a fome é um tema de constante preocupação, numa busca de sustento sem fim, para poder alimentar a si mesma e a seus filhos. Uma realidade descrita tantas décadas atrás e que, infelizmente, continua atual.

- ☐ O que mais te doeu na leitura do livro?
- ☐ **01.** Você se sentiu “cansado” ou angustiado ao ler a rotina da vida de Carolina? Consegue imaginar como deve ser, de fato, viver desta forma?
- ☐ **02.** Carolina desconstrói vários estereótipos que temos quando pensamos em uma pessoa que vive numa favela. Ela demonstra uma consciência política bastante forte, comenta o quanto gosta de ler e ouvir valsas em seu rádio, usa palavras que podem ser consideradas eruditas na descrição de situações em seu diário. Estas são características que a gente pensaria numa pessoa em tal ambiente?
- ☐ **03.** A história mais popularmente conhecida sobre a “descoberta” de Carolina pelo jornalista Audálio Dantas tira muito do protagonismo de sua própria vida. Em uma biografia lançada no ano passado sobre a autora, expõe-se que ela, há alguns anos, já fazia visitas a redações e rádios, levando seus escritos para publicação. Ela já era uma pessoa conhecida na região, e tinha ambições de ser publicada, portanto tem muito mais mérito próprio do que apenas uma “descoberta”. O quanto não acabamos, em nosso dia a dia, tirando o protagonismo de pessoas, especialmente minorias, de suas próprias vidas?
- ☐ **04.** A analogia da favela com um quarto de despejo aparece em vários momentos da narrativa. Vê-se que é o local onde se joga tudo aquilo que a sociedade não quer – não apenas lixo, mas também pessoas. Carolina tinha mais vontade de publicar poesias, contos e romances, mas foi seu diário que acabou despertando mais interesse, por uma certa curiosidade dos leitores em saber como é a vida numa favela. Sabemos que ela nunca conseguiu se incluir totalmente na sociedade, mesmo depois da publicação do livro. Isso demonstraria que nós, pessoas com mais privilégios, somos resistentes a uma verdadeira inclusão de pessoas menos favorecidas? Que ainda os enxergamos como algo curioso e que são de uma “categoria de pessoas” diferente da que nós nos consideramos?



Autora: Thi Bui

Número de páginas: 336

Editora: Nemo

**Sugestão de
pergunta de
abertura:**

**Possíveis perguntas
e comentários para
diálogo:**

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

Livro 03

O melhor que podíamos fazer

Sobre o livro

Esta graphic novel inicia sua narrativa a partir do nascimento do filho da autora, rememorando a história da família, o nascimento de seus irmãos e a mudança para os Estados Unidos, como refugiados do Vietnã, no período da guerra em seu país de origem (1955 - 1975).

- ☐ Como é a sua relação com a leitura, e a sua família teve alguma influência nisso?
- ☐ **01.** Todos sentem que conseguiram se identificar, de alguma forma, com a obra? Conseguimos nos identificar com uma história contada por alguém que viveu uma realidade completamente diferente - uma vietnamita que passou por situação de guerra e migração - pois as necessidades humanas são as mesmas, independente do contexto em que estamos inseridos. E, dentre as necessidades humanas, a de conexão com o outro - e principalmente com a própria família - seria algo universal?
- ☐ **02.** A autora fala da dificuldade, quando criança, de convivência com o pai, até que entendeu, na idade adulta, que estava convivendo com “o menino assustado que o pai havia sido na infância”. Temos dificuldade de conexão com nossa própria família? O que levaria a isso? Saber mais sobre o passado e a história de nossos pais seria uma forma de melhorar nossas relações?
- ☐ **03.** No livro, a maternidade é retratada de forma não romantizada, com todo o sofrimento e questionamentos que surgem na vida das mães. Nos últimos tempos, temos conseguido perceber um movimento de “maternidade real”? Temos alguns exemplos? Isso ajuda as mães a se sentirem menos solitárias com as dificuldades que encontram?
- ☐ **04.** Ter uma família pode ser visto como uma necessidade universal, de todos os seres humanos? Que outras necessidades podemos pensar como sendo universais?



Autora: Thi Bui

Número de páginas: 336

Editora: Nemo

**Sugestão de
pergunta de
abertura:**

**Possíveis perguntas
e comentários para
diálogo:**

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

20 |

Livro 04

No Seu Pescoço

Sobre o livro

A obra é um livro de contos que revela a intensidade da vida na Nigéria e os delicados momentos políticos vividos pelo país em diferentes épocas, culminando em tensos processos migratórios. Com uma escrita impecável e um olhar sensível e crítico, Chimamanda trata questões bastante conflituosas como migração, preconceito de raça e a violência contra mulher.

- ☐ Se a sua vida fosse um gênero literário, qual seria?
- ☐ **01.** No conto “No seu pescoço” tem uma linha de condução da escrita a partir do pescoço, mostrando o sufocamento e “afrouxamento” da personagem principal. Que situações de sufocamento, você imagina que ocorrem, com quem migra para outro país?
- ☐ **02.** Nos contos “Réplica” e “Os casamenteiros”, temos personagens femininas que migraram da Nigéria para os Estados Unidos, e cujas vidas não são exatamente o que haviam imaginado. Podemos ver em ambas um esforço para realizar as vontades dos maridos: por exemplo, Nkem faz penteados e se depila da forma que o marido gosta; Chinaza precisa mudar seu modo de falar e seus costumes, para agir como uma americana e não “envergonhar” o marido. Que motivos levariam estas personagens a agirem desta forma? Na nossa vida, que outros exemplos podemos dar de atitudes que mulheres são levadas a tomar para “agradarem” ou “se encaixarem”?
- ☐ **03.** No conto “Uma experiência privada”, Chimamanda fala sobre a conexão entre duas mulheres de religiões e histórias de vida diferentes. O quão difícil é passarmos pelas barreiras de nos conectarmos com alguém que seja diferente de nós? Como podemos enxergar a humanidade de quem é diferente?
- ☐ **04.** No conto “Jumping Monkey Hill”, temos um personagem europeu com uma mentalidade colonizadora: ele faz vários comentários nos quais afirma saber mais da “verdadeira África” do que os próprios africanos. Quando lidamos com minorias, costumamos ter essa visão de que sabemos mais das suas vidas do que elas próprias, e que sabemos o que é “melhor para elas”? Temos exemplos que podemos compartilhar?



Livro 05

Quem tem medo do feminismo negro?

Sobre o livro

A obra apresenta um ensaio inédito da autora e uma seleção de artigos que foram publicados, em sua maioria, no blog da revista “Carta Capital”. Os textos falam de assuntos como interseccionalidade, intolerância religiosa, cotas raciais, liberdade de expressão versus discurso de ódio e reconhecimento de privilégios.

Sugestão de pergunta de abertura:

☐ Você costuma ler escritoras negras? Sim, não? Por quê?
Indique um livro escrito por uma mulher negra.

Possíveis perguntas e comentários para diálogo:

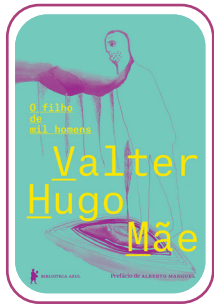
☐ **01.** Existe uma imposição sobre a aparência da mulher negra, que é muito representativa em seu cabelo. Não é incomum que mulheres negras alisem o cabelo, como forma de se adequarem a um padrão. Que outros exemplos temos dessas imposições para adequação ao padrão?

☐ **02.** A forma como a escravidão é comumente ensinada na escola é constrangedora e incômoda para os alunos negros. Como poderia ser diferente? Que outras situações do cotidiano são constrangedoras para pessoas negras?

☐ **03.** É preciso entender as peculiaridades do feminismo negro e de outras expressões do feminismo. Quais particularidades podemos exemplificar do feminismo negro?

☐ **04.** Uma forma que as pessoas brancas podem somar na luta antirracista é se posicionar quando vê um episódio de racismo acontecendo, seja no trabalho, no ambiente de estudo ou social. De que outras formas as pessoas brancas podem se posicionar na luta antirracista?

Dez roteiros para dialogar sobre **direitos humanos** a partir da **literatura**.



Autora: Válder Hugo Mãe

Número de páginas: 224

Editora: Azul

**Sugestão de
pergunta de
abertura:**

**Possíveis perguntas
e comentários para
diálogo:**

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

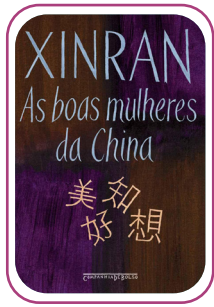
Livro 06

O filho de mil homens

Sobre o livro

Com uma linguagem poética e sensível, Válder Hugo Mãe consegue abordar uma riqueza de temáticas na obra: paternidade, masculinidades, machismo, novas constituições familiares, preconceito, solidão. Embora com histórias bem diversas, há entre as personagens pontos em comum, uma tristeza em seu passado, ao mesmo tempo em que se busca a felicidade e a completude.

- ☐ Você aceita compartilhar uma história pessoal com alguém próximo, e que envolva leitura ou arte?
- ☐ **01.** O livro nos mostra o ensino e aprendizagem de pai para filho, e de filho para pai, na relação de Camilo e Crisóstomo. Podemos dizer que as relações entre pais e filhos são diferentes hoje do que eram há algumas gerações? Quais são essas diferenças?
- ☐ **02.** Crisóstomo é um personagem típico, quando pensamos em masculinidade e paternidade? Como é a sua masculinidade e paternidade? Como são as masculinidades e paternidades que estamos acostumados em nosso cotidiano?
- ☐ **03.** A personagem Isaura percebe em determinado momento que “os homens são sempre iguais, mas as mulheres são diferentes”, ao ver que não tinha mais o mesmo “valor” por ter perdido a virgindade. Que diferenças de tratamento enxergamos entre homens e mulheres na nossa sociedade?
- ☐ **04.** O livro mostra diversos preconceitos em nossa sociedade, e como desumanizamos quem é diferente. A personagem “anã” nem sequer tem nome, Antonino é chamado de “homem maricas” antes que seu nome apareça. As nossas relações estão quase sempre carregadas de camadas de distanciamento e de diferenciação, que minimizam a humanização necessária à real ligação entre as pessoas. Como podemos fazer para enxergar essa humanidade compartilhada nas outras pessoas?



Autora: Xinran

Número de páginas: 256

Editora: Companhia
das Letras

**Sugestão de
pergunta de
abertura:**

**Possíveis perguntas
e comentários para
diálogo:**

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

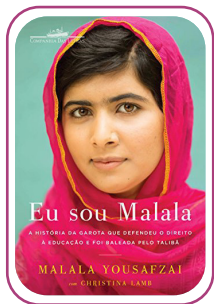
Livro 07

As boas mulheres da China

Sobre o livro

Durante quase uma década, a jornalista Xinran entrevistou diversas mulheres chinesas e ouviu vozes até então reprimidas. Em seu programa de rádio, chamado “Palavras na brisa noturna”, estava um dos raros espaços onde era possível falar sobre a vida – e todos os seus revezes. São essas histórias que conhecemos ao ler “As boas mulheres da China”, uma obra de não-ficção publicada em 2003.

- ☐ Você costuma ler livros que relatem realidades bem diferentes da sua? Gostaria de indicar algum?
- ☐ **01.** Ainda que em diferentes graus em diferentes culturas, a violência contra a mulher é algo muito enraizado na sociedade. Que semelhanças podemos encontrar entre as violências descritas no livro, e as que vemos na nossa sociedade no Brasil?
- ☐ **02.** Falar sobre as violências que acontecem é algo muito importante, para que elas se tornem mais identificáveis, e para evitar que se repitam ou aconteçam com outras pessoas. Na história das duas irmãs que acabam sendo abusadas em situações similares, talvez se uma tivesse conseguido conversar com a outra e contar o que estava acontecendo, poderia ter evitado que a irmã sofresse o mesmo abuso. Que outras atitudes podemos tomar para lidar com essa questão da violência contra a mulher?
- ☐ **03.** A mulher ainda é vista como uma propriedade dos homens, situação que fica mais evidente no capítulo da Colina dos Gritos. Que outros exemplos podemos dar de situações em que a mulher é tratada como propriedade?
- ☐ **04.** Em dado momento, a própria autora questiona “O que faz uma boa mulher?”. Ao intitular o livro de “As boas mulheres da China”, ela talvez responda a pergunta. Todas as histórias narradas são de mulheres comuns, com diferentes sofrimentos e formas de encarar a vida. Mas todas são, afinal, boas mulheres, que merecem ter sua histórias contadas. E quem pode dizer, realmente, o que faz uma boa mulher?



Autora: Malala Yousafzai e
Christina Lamb

Número de páginas: 360

Editora: Companhia
das Letras

**Sugestão de
pergunta de
abertura:**

**Possíveis perguntas
e comentários para
diálogo:**

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

Livro 08

Eu sou Malala

Sobre o livro

Quase todo mundo ouviu falar em Malala Yousafzai, a pessoa mais jovem a receber um Prêmio Nobel até agora (2020). Talvez você também já saiba que ela foi baleada pelo Talibã ao sair da escola, e que isso mudou sua vida e pautou sua luta pela educação. Mas como foi sua trajetória ao crescer em uma região marcada por desigualdades e posteriormente dominada pelo Talibã?

☐ Mesmo com seu lado ativista, Malala não deixava de ser uma adolescente como outra qualquer. Uma demonstração disso é que na biografia ela chega a citar alguns livros que estava lendo em determinados momentos de sua vida, como “O Alquimista” e “Crepúsculo”. Você tem algum livro que tenha marcado a sua infância ou adolescência e gostaria de compartilhar?

☐ **01.** A educação, além de ser uma bandeira defendida por Malala, sempre foi algo presente e importante em seu cotidiano, com incentivo da família. Na nossa sociedade, vemos a educação como algo sendo valorizado?

☐ **02.** Malala passou por tantas dificuldades para seu acesso à educação e em outros aspectos da vida, e conseguiu criar muitas iniciativas em defesa dessa causa. Quantos estudantes, com bem mais condições, não teriam o potencial inexplorado de transformar o mundo?

☐ **03.** Malala comenta que havia uma espécie de competição por notas na escola, mas que havia um clima de não-competitividade e de companheirismo entre as meninas. Como podemos incentivar a não-competitividade e a sororidade entre meninas, especialmente as mais jovens?

☐ **04.** Malala passou por uma situação em que teve seu acesso à educação negado por ser menina, enquanto os meninos podiam estudar. O que é preciso ser feito ou mudar para que meninas e meninos tenham oportunidades iguais?



Autora: Lázaro Ramos

Número de páginas: 152

Editora: Objetiva

**Sugestão de
pergunta de
abertura:**

**Possíveis perguntas
e comentários para
diálogo:**

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

Livro 09

Na minha pele

Sobre o livro

“Na minha pele” não é exatamente uma autobiografia, mas para falar sobre temas como ações afirmativas, empoderamento, afetividade e discriminação, Lázaro Ramos lança mão de várias de suas vivências e também das vozes de quem o cerca: família, amigos, atores, cineastas, escritores e também as pessoas que entrevistou no programa Espelho, do Canal Brasil.

- ☐ Para quem você gostaria de indicar esse livro ou livros sobre esse tema?
- ☐ **01.** No Brasil existe uma segregação diferente da dos Estados Unidos, aqui “fingimos” que ela não existe, enquanto lá ela é mais escancarada. Que exemplos de racismo velado podemos relatar de nosso cotidiano?
- ☐ **02.** Até recentemente, não existiam produtos estéticos voltados para o público negro, pois ele não era considerado mercado consumidor. Também crescemos não tendo referências estéticas de pessoas negras. Como isso acaba interferindo na visão que temos de pessoas negras?
- ☐ **03.** Os negros no Brasil sofreram um apagamento de identidade – não é possível ou é muito difícil refazer o histórico familiar, não se há uma certeza sobre a sua própria origem. O quanto isso interfere na formação da própria identidade?
- ☐ **04.** Constrangimento pode ser uma forma de lidar com racismo. Por exemplo, depois de alguém fazer um comentário ou piada racista, falar que não entendeu e pedir para a pessoa explicar. Que outras atitudes podemos ter para nos posicionar de forma antirracista e lidar com o racismo?



Autora: Rupi Kaur

Número de páginas: 208

Editora: Planeta do Brasil

**Sugestão de
pergunta de
abertura:**

**Possíveis perguntas
e comentários para
diálogo:**

**Dez roteiros para
dialogar sobre direitos
humanos a partir da
literatura.**

Livro 10

Outros jeitos de usar a boca

Sobre o livro

Poeta, artista plástica e performer canadense nascida na Índia, Rupi Kaur também criou as ilustrações presentes nesta obra, que é dividida em quatro partes, sobre quatro diferentes aspectos da vida de uma mulher: a dor, o amor, a ruptura e a cura.

☐ Quem é uma mulher que você tem como um exemplo na sua vida (além das mais próximas, como mãe, avó, esposa)?

☐ **01.** Muitos poemas deste livro falam sobre a relação da mulher com a própria aparência e a necessidade imposta de atingir um padrão de beleza. Que situações já passamos, ou já vimos mulheres passarem, que dizem respeito a nossa aparência?

☐ **02.** Também há um poema em que a autora fala sobre outras qualidades que podemos usar para descrever mulheres, que não têm relação com a sua aparência. Por que outras qualidades as mulheres geralmente são elogiadas? Existem elogios que por padrão são considerados mais “masculinos”? Faz sentido a gente dividir qualidades e características em “masculinas” e “femininas”?

☐ **03.** Outra questão presente nos textos é a violência sofrida por mulheres, que muitas vezes começa na própria casa, na relação com o pai. E essa violência depois é reproduzida em relações de amizade ou namoro / casamento. Como podemos evitar a reprodução desses padrões de violência já a partir da infância?

☐ **04.** Rupi fala também da relação de mulheres com outras mulheres. Muitas vezes, por influência do machismo, as mulheres são levadas a ver outras mulheres como rivais, e não como possíveis amigas e aliadas. Como fazemos para julgar menos outras mulheres? Como podemos desenvolver relações saudáveis de amizade com outras mulheres?

Esperamos que este guia te inspire e te encoraje a conversar sobre direitos humanos, ampliando a compreensão sobre este assunto e despertando a empatia. Se você colocar em prática o clube inteiro ou apenas um dos encontros, compartilhe com a gente. É empoderador saber que há mais pessoas junto conosco nessa causa!

Como compartilhar:

- 01.** Tire uma foto no final do seu encontro;
- 02.** Colete um depoimento sobre a experiência;
- 03.** Envie um e-mail para contato@institutoaurora.org, com a foto, o depoimento e uma breve descrição de como foi o encontro;
- 04.** Poste a foto nas suas redes e nos marque!

Instagram: [@institutoaurora](https://www.instagram.com/institutoaurora)

Facebook: [@aurora.direitoshumanos](https://www.facebook.com/aurora.direitoshumanos)

Olhe nos olhos das pessoas e lembre que compartilhamos a mesma humanidade.

Dez roteiros para
dialogar sobre **direitos**
humanos a partir da
literatura.

INSTITUTO AURORA

EDUCAR EM **DIREITOS HUMANOS**

Autor | Instituto Aurora Para Educação em Direitos Humanos

Redação | Mayumi Maciel e Michele Bravos

Revisão | Gabriela Almeida e Michele Bravos

Design | Sabrina Carrard

Fotos | Unsplash